

# O envelhecimento como processo social

## Aging as a social process

Ana Rafaela Pecora<sup>1</sup>

Paula Martins dos Anjos<sup>2</sup>

Eugenia Coelho Paredes<sup>3</sup>

### Resumo

O artigo traz a análise das representações sociais sobre o envelhecer, compartilhadas por 103 professoras que atuam no nível fundamental da rede de ensino público de Cuiabá. Teórica e metodologicamente, apoia-se nas propostas da Teoria das representações sociais (TRS), desenvolvida por Moscovici em 1961. Os dados foram coletados mediante o uso das associações de palavras, seguido de explicações gravadas sobre os vocábulos. Estes foram processados pelo software EVOC e, posteriormente, submetidos à análise de similitude e a uma categorização. Os resultados permitem considerar que a organização das representações e a construção do seu significado ocorrem a partir de dois elementos: doença e experiência, indicando perdas e ganhos no processo de envelhecimento, com destaque para os prejuízos e apontando para as condições sociais que o cercam.

**Palavras-chave:** Educação. Representações sociais. Envelhecer. Docentes.

### Abstract

The study analyzes the shared social representations by 103 teachers from the cuiabano public basic education school system, about aging. It theoretical and methodologically follows the proposals of the Theory of social representations developed by Moscovici in 1961. The data were collected through the use of word associations, followed by explanations, recorded, on the words. These were processed by the EVOC software, after submitted to the similitude analyzes and categorized. The results allowed considering that the representations organize themselves and their meaning is constructed from two elements: disease and experience, indicating, losses and gains of the aging process, emphasizing the impairments and pointing to the social conditions that surround the aging process.

**Key-words:** Education. Social representations. Aging. Teachers.

---

1 Professora do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). arpecora@terra.com.br

2 Mestranda do Grupo de Pesquisa em Educação e Psicologia (GPEP) do PPGE/UFMT. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). paulahdosanjos@gmail.com

3 Professora Orientadora do GPEP/PPGE/UFMT. eugeniaparedes@uol.com.br

## Introdução e justificativa

Este artigo apresenta parte dos resultados de uma pesquisa sobre as representações sociais do *envelhecer* e *envelhecer como professor*, desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa em Educação Psicologia (GPEP) do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGE/UFMT). O texto constitui-se num recorte que engloba os dados relativos ao tema *envelhecer*, colhidos de docentes que lecionam no Ensino Fundamental das escolas públicas de Cuiabá.

Essa coleta foi realizada entre os meses de junho e outubro de 2009, nas próprias unidades de ensino, que foram selecionadas através de sorteio aleatório, por região administrativa. Participaram do estudo os professores que se encontravam em sala de aula, e as informações requeridas foram fornecidas mediante contato pessoal.

A Teoria das representações sociais (TRS), proposta por Serge Moscovici em 1961, aliada às contribuições de Denise Jodelet e Jean-Claude Abric, constitui o referencial teórico e metodológico norteador do trabalho. Esta escolha se justifica, entre outras razões, pelo fato de a TRS não apenas legitimar o estudo do senso comum, mas também enfatizar a importância da comunicação no processo de construção e transformação das representações sociais e, mais ainda, assinalar que estas regem as condutas e as interações entre as pessoas.

A literatura consultada apresenta o *envelhecer* a partir de várias dimensões, sendo consensual a demarcação de quatro delas, evidenciadas por transformações biológicas (físicas e fisiológicas), psicológicas, sociais e culturais, segundo concebem Beauvoir (1990), Stano (2001), Siqueira, Botelho e Coelho (2002) e Santos (2003) nos estudos que realizaram acerca do tema, o que se poderá acompanhar na análise dos dados.

Uma das ações constitutivas do desenho da pesquisa foi transitar entre as declarações relativas aos medos, ansios, perspectivas, perdas e ganhos relacionados às representações do objeto investigado, o que nos forneceu pistas sobre aspectos da trajetória de vida tanto pessoal quanto profissional das educadoras. A dimensão pessoal deve ser entendida menos no sentido de individual e mais no de coletivo, visto que as representações sociais são construídas e sustentadas mediante o compartilhamento de atitudes, crenças, valores e opiniões que transitam entre os membros de dado grupo que se pretenda estudar.

Moita (2000), por exemplo, testemunha que a consciência de cada pessoa sobre si mesma seja basicamente assinalada pelos conjuntos sociais com os quais o indivíduo estabelece relações de pertença e por sua posição de referência para os demais membros desses grupos.

Stano (2001) nos fornece outra justificativa para a investigação do objeto considerado, conduzindo-nos ao entendimento de que este seja prestante aos estudos sobre identidades profissionais. Moita corrobora essa idéia e nos ensina que “O processo de construção de uma identidade profissional própria não é estranho à função social da profissão e do profissional, à cultura do grupo de pertença profissional e ao contexto sociopolítico em que se desenrola.” (p. 116).

Tal proposição implica que essa identidade vai se desenhando a partir não somente do processo que envolve a formação do sujeito como estudante, mas também das trocas que vão se constituindo entre o universo profissional e os de natureza socioculturais.

Nóvoa (2000) apresenta posicionamentos complementares aos de Moita e Stano, apontando para a interação entre as identidades pessoal e profissional.

## Um recorte teórico: a Teoria das representações sociais

Serge Moscovici, ao publicar sua tese, em 1961, na França, originalmente intitulada *La Psychanalyse: son image et son public* e cuja segunda edição foi traduzida no Brasil, em 1978, recebendo o título *A Representação Social da Psicanálise*, introduziu no mundo científico um novo modelo de psicologia social. Este não mais se centraria nos processos internos e individuais do sujeito, conforme enfatizava a psicologia social norte-americana, e sim em uma dimensão mais ampla, abrangendo o campo psicossocial. Sua teoria passou a ser considerada como uma forma sociológica de psicologia social.

Os objetos sociais, para o teórico, não são concebidos individualmente, mas elaborados, construídos e compartilhados socialmente, mediante as trocas comunicativas que se processam entre as pessoas.

Disso resulta a inexistência de uma ruptura entre sujeito e objeto, levando Jodelet (2001) a considerar que uma representação é sempre de algo e de alguém - de um grupo social - que a elabora e sustenta. As representações sociais sobre os objetos, assim, são construídas, na acepção de Moscovici (1978), em face das características sociais dos grupos de pertença e não das propriedades objetivas que caracterizam o próprio objeto.

Jodelet (2001, p. 22) define as representações sociais como sendo “[...] uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” As representações, assim definidas, traduzem-se como guia para a ação, tendo levado Abric (2001, p. 156) a considerar que “[...] os comportamentos dos sujeitos ou dos grupos não são determinados pelas características objetivas da situação, mas pela representação desta situação.”

Continuando a explicar as representações sociais, Jodelet enfatiza mais uma das proposições de Moscovici, qual seja legitimar o senso comum, dizendo: “Igualmente designada como saber de senso comum ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este [...]” (p. 22). A legitimidade advém, segundo a autora, da sua importância na vida social, inequívoca constatação de quantos observam a vida cotidiana.

Em função da dinâmica social de construção e elaboração das representações sociais, Abric (2003, p. 38) as concebe como um conjunto organizado e estruturado de “[...] opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação.”

Logo, é possível considerar que as representações são construídas mediante as experiências cotidianas, seja pela via das conversações entre indivíduos, seja pelo fato de que estes se expõem continuamente às diferentes *medias*, a exemplo do que avalia Jodelet. Entretanto, se por um lado as representações são elaboradas a partir das interações cotidianas, por outro, na visão de Abric (1994), elas influenciam comportamentos em razão mesmo de ações recíprocas, operando como em um sistema circular.

As representações sociais, para Moscovici (1978), são formadas a partir de dois processos denominados objetivação e ancoragem. A objetivação consistiria em transformar uma idéia ou conceito, pertencentes à ordem do abstrato, em algo concreto: “[...] objetivar é reabsorver um excesso de significações, materializando-as.” (p. 111). A ancoragem é assim definida por Jodelet (p. 38): “A ancoragem enraíza a representação e seu objeto numa rede de significações que permite situá-los em relação aos valores sociais e dar-lhes coerência.” Este processo pode ser entendido como a apropriação de uma estrutura simbólica, cujos filtros são os valores sociais. Prosseguindo com suas ponderações, a autora afirma que, nesse nível, a ancoragem desempenha um papel decisivo “[...] essencialmente no que se refere à realização de sua inscrição num sistema de acolhimento nocional, um já pensado.” (p. 39).

O estudo das representações sociais pode ser conduzido a partir tanto de um processo quanto da investigação sobre sua estrutura. Toda representação tem um conteúdo e ao mesmo tempo uma dinâmica que lhe confere um caráter evolutivo, mas possui ainda uma estrutura que buscamos identificar nesta pesquisa.

Abric (2003), propositora da Teoria do núcleo central (TNC), compreende que a representação é organizada a partir de um núcleo central (NC), em torno do qual se agrupariam elementos periféricos. O NC, para o autor, comporta três funções: *geradora*, *organizadora* e *estabilizadora* das representações sociais, ligadas, respectivamente, ao significado, à organização interna e à estabilidade da representação. Esta investigação move-se na direção de compreender tais engrenagens e sua dinâmica.

## Metodologia

### Sujeitos e locus da pesquisa

Os sujeitos do estudo compreendem 103 professoras que lecionam no Ensino Fundamental I e II de escolas da rede pública municipal que integram as quatro regiões administrativas da cidade de Cuiabá. As idades das pesquisadas variavam de 33 a 65 anos e seus tempos de serviços contavam entre 9 e 25 anos de exercício profissional.

As professoras foram contatadas no período compreendido entre os meses de junho a outubro de 2009, no próprio local de trabalho. O contato, pessoal e individual, deu-se com aquelas que se encontravam desempenhando atribuições em sala de aula.

Ao final, foram percorridas 34 unidades escolares, todas localizadas dentro do perímetro urbano, atentando-se para que se fizessem presentes representantes de todos os quadrantes da cidade.

### Coleta dos dados

Os dados foram recolhidos por meio de dois procedimentos, a saber: coleta de associações de palavras e subsequente gravação das explicações sobre os motivos que levaram as professoras a dizerem cada um dos vocábulos. Isso se deu ante a apresentação do termo indutor *envelhecer*. As explicações foram gravadas, a fim de que as professoras pudessem se expressar mais livremente, ao mesmo tempo em que os pesquisadores se liberavam de proceder a anotações demoradas.

### Tratamento dos dados

Inicialmente, preparou-se o *corpus* para ser processado pelo programa computacional EVOC. A *nettoyage* das palavras foi estabelecida com base nos seguintes critérios: (1) observou-se sua flexão gramatical de gênero e número, (2) verificaram-se os sinônimos e as semelhanças semânticas existentes entre os vocábulos evocados e (3) analisou-se o sentido de cada uma delas.

Com base na abordagem estrutural das representações sociais (ABRIC, 2006; SÁ, 1996), a pesquisa do núcleo central, viabilizada pelas associações coletadas, deu-se através (1) da saliência dos elementos da representação e (2) da conexidade entre tais elementos.

No primeiro caso, conforme os interesses deste estudo, os dados foram processados pelo *software* EVOC, desenvolvido por Vergès, em sua versão de 2003, através do qual os critérios de frequência (F) e de ordem média de evocação (OME) das palavras são combinados de forma a identificar os elementos constituintes dos sistemas central e periférico das representações.

Feito isso, o programa apresenta o chamado quadro de quatro casas, por meio do qual podemos observar os elementos presentes nas representações estudadas, como pode ser observado na Figura 1, que será apresentada na discussão dos dados.

Cada uma dessas casas comporta funções específicas, assim nomeadas por Abric (2005): (1) *núcleo central* (NC), ou zona do núcleo, no qual se concentram as palavras mais frequentes e mais importantes da representação, lembrando que ele comporta as funções de gerar o significado da representação, determinar sua organização e manter sua estabilidade; (2) *primeira periferia* (PF), que comporta os elementos periféricos mais salientes, em razão de serem também os mais frequentes; (3) *zona de contraste* (ZC), na qual se encontram os temas enunciados por poucas pessoas, apresentando, portanto, baixa frequência, o que, todavia, não diminui sua importância, pois, conforme Abric (2005), podem revelar indícios da existência de um subgrupo minoritário portador de uma representação diferenciada; (4) *segunda periferia* (SP), que, também de acordo com o autor, congrega os elementos um pouco menos presentes ou importantes no campo das representações.

Identificada a estrutura e o conteúdo das representações investigadas, submetemos as palavras destacadas à análise de similitude, introduzida no campo de estudo das representações por Flament (1986), segundo procedimento realizado por Pecora (2007), no qual se calcula a coocorrência dos termos evidenciados no quadro de quatro casas, sem a necessidade de se retornar a campo para novas coletas, visto que se parte do pressuposto de que as palavras evocadas pelos sujeitos guardam relação entre si, encontrando-se, pois, em situação de conexidade espontânea.

Após tais condutas, agrupamos as palavras apontadas nos procedimentos anteriores em categorias, definidas a partir da literatura consultada e das sugestões oferecidas pela marcação de importância do EVOC.

## A estrutura e o conteúdo das representações sociais de envelhecer

Observando a Figura 1, a seguir, podemos notar os vocábulos que salientam o conteúdo e a estrutura das representações sociais de *envelhecer*, segundo o grupo de professoras ouvidas:

F	O.M.E. <2,6	F	O.M.E.	O.M.E. ≥2,6	F	O.M.E.
	<b>Núcleo central</b>			<b>Primeira periferia</b>		
<b>≥13</b>	doença	65	2,246	alegria	18	3,778
	experiência	29	2,448	família	18	3,833
				sabedoria	17	2,647
				paz	15	2,933
				lazer	14	3,714
	<b>Zona de contraste</b>			<b>Segunda periferia</b>		
<b>&lt;13</b>	dignidade	13	1,769	aceitação	11	3,182
	medo	13	1,385	desrespeito	11	3,545
	cansaço	10	2,200	amor	10	4,300
	aparência	9	2,333	solidão	10	3,400
	difícil	8	1,625	bem-financeiramente	9	2,889
	qualidade-de-vida	6	1,333	conhecimento	9	2,889
	tristeza	6	2,500	aposentadoria	9	3,667
				desânimo	9	3,444
				incapacidade	9	3,111
				trabalho	9	3,667
				maturidade	8	3,250
				privilegio	8	3,000
				abandono	7	3,571
				paciência	7	3,286
				carinho	6	3,333
			exercícios	6	4,000	

Figura 1 – Elementos estruturais das representações referentes ao mote indutor Envelhecer (N=103)

Como se pode observar, no primeiro quadrante superior, à esquerda, no qual se aninha o chamado núcleo central, obtiveram destaque as palavras *doença* e *experiência*, apontando para elementos que sinalizam aspectos tanto positivos quanto negativos da representação de *envelhecer*, relacionadas às perdas e ganhos no processo.

A direção mais consensual, compartilhada por 63% das professoras, assenta-se no sentido da perda, nos quais o processo de envelhecer se associa ao dano a saúde, representado pelo vocábulo *doença*. Apesar do duplo indicativo, perdas e ganhos, a degradação do corpo, materializada pela ausência ou fenecimento de saúde, parece se destacar nas funções concernentes ao núcleo central de organizar, estabilizar e gerar o significado da representação. Esta consideração se ampara nos resultados obtidos pela análise de similitude, onde o termo *doença* aparece conectado diretamente a 73% das palavras que compõem a Figura 1, elevando-se para 86% se consideradas também as ligações indiretas, conforme pode ser observado na Figura 2 seguinte.

Cabe esclarecer que a ramificação tracejada indica a existência de mais de uma possibilidade de conexão. O termo *medo*, por exemplo, tanto se conecta a *doença* quanto a *experiência*, visto que apresentam o mesmo índice de similitude. Além disso, verifica-se que o número de participantes aí é menor – 99 professoras – do que o número total dos sujeitos da pesquisa (103 educadoras). Isso se deve ao fato de somente serem considerados como participantes da análise de similitude as pessoas que tenham evocado, no mínimo, dois daqueles elementos constantes do quadro de quatro casas (Figura 1), mesmo porque o cálculo da similitude só se efetiva a partir das coocorrências entre duas palavras.

Os ganhos no processo de envelhecer reportam-se a *experiência* e, através dela, ao *conhecimento e sabedoria* adquiridos durante a vida, de forma ampla, e os anos de profissão, de forma particular, tal como explicita a Figura 2.

*Cansaço, medo, desânimo e paciência* também comparecem ligados a *experiência*, demarcando aspectos da vida laboral qualificada como estressante. Tais apontamentos parecem repercutir em perda da saúde, corroborando a afirmativa anterior de que o termo *doença* seja o grande gerador da representação social investigada.

A análise referente à ordem de evocação das palavras, apresentadas na Figura 1 pelo cálculo da Ordem Média de Evocação (OME), revela que *qualidade de vida, medo, difícil e dignidade* são os vocábulos mais prontamente evocados. O termo *medo*, que aqui comparece e também é expresso na Figura 2 ligado tanto a *experiência* quanto a *doença*, indica ser esse um sentimento mediador entre os danos e os proveitos adquiridos com passar dos anos. *Medo*, por exemplo, das mazelas ligadas à vida profissional, *medo* de que se instale uma *doença*, *medo* de perder a *dignidade* e a *qualidade de vida*, tão almejada e contemporaneamente propalada pelas *medias*.

Ambas as palavras referidas como mais prontamente evocadas pertencem ao quadrante denominado *zona de contraste* (Figura 1), onde poderíamos encontrar, como anuncia Abric (2005), a presença de subgrupos portadores de uma representação diferente. Ao contrário disso, encontramos nessa casa elementos que reforçam os testemunhos que nucleiam a representação social.

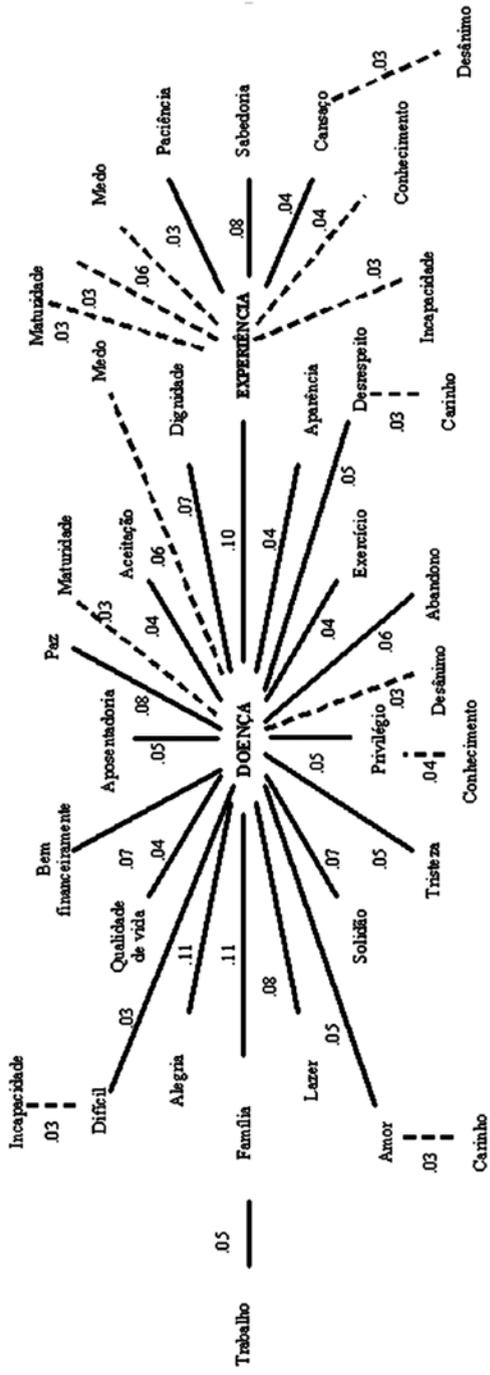


Figura 2 – Gráfico de similitude referente ao mote indutor *Envelhecer* (N=99)

Buscando identificar e classificar os conteúdos das representações de *envelhecer* concebidas pelas professoras, procedeu-se à categorização dos vocábulos recolhidos, os quais, conforme mostrados na Figura 1, constituem 74% do *corpus*. Cinco categorias são propostas, a saber: (1) *Psicológica*, subdividida em *Bem-estar* e *Mal-estar*; (2) *Biofísica*; (3) *Relacional* ou *Social*; (4) *Projetos ou Expectativas*; e (5) *Econômica*.

Esclarecemos que, embora tenham sido criadas categorias de análise, sugerindo dimensões diferenciadas do processo de envelhecimento, a compreensão do objeto dá-se especialmente no nível psicossocial. Isso se deve ao fato de a Teoria das representações sociais, como já dissemos anteriormente, compreender seus objetos em uma encruzilhada de saberes e em uma influência notadamente psicossocial.

As categorias propostas permitiram-nos identificar as perdas, ganhos, dimensões e expectativas dos participantes da pesquisa sobre o tema, conforme resumo apresentado pelo Quadro 1, que segue:

A categoria *Psicológica*, que abarca as dimensões *Bem-estar* e *Mal-estar*, é a mais expressiva, contendo 34% das indicações, engloba aspectos psicológicos positivos e negativos da representação do envelhecer. Quanto aos aspectos positivos, é possível perceber certa satisfação anunciada pelas educadoras no processo de envelhecimento. Enfatizam que envelhecer é um *privilégio*, uma *alegria*, conforme explicitam, na seqüência, duas das professoras contatadas:

São poucas pessoas que tem esse privilegio de envelhecer, muitos morrem antes. (S. 55, 46 anos de idade, 20 anos de magistério, leciona para o 1º ano)

Envelhecer não quer dizer que você vai ficar triste, é uma alegria, são experiências que você vai adquirindo com a sua vivência, aí você vai tendo alegria. Nós estávamos comentando sobre idade, eu estava dizendo que eu gosto muito mais dos meus 43 do que dos meus 19 porque eu adquiri muito mais experiência [...] (S. 19, 43 anos de idade, 14 anos de magistério, leciona para o 2º ano).

A satisfação pelo envelhecer parece convergir para a experiência adquirida ao longo da vida e dos anos de profissão. Os *Ganhos*, sobretudo, são notados em nós que entrelaçam esses dois aspectos, visto que as palavras explicitadas com destaque foram: *conhecimento*, *experiência*, *maturidade* e *sabedoria*. Apesar das dificuldades, temores e angústias que emergem na vida, as professoras apontam que há recompensas, tal como expressa a fala seguinte:

Psicológica		Mal-estar		Biofísica		Relacional		Projetos		Econômica	
		F	Atributos	F	Atributos	F	Atributos	F	Atributos	F	Atributos
experiência	29	medo	13	doença	65	família	18	paz	15	bem financeiramente	9
alegria	18	aceitação	11	cansaço	10	desrespeito	11	lazer	14		
sabedoria	17	desânimo	9	Incapacidade	9	amor	10	dignidade	13		
conhecimento	9	difícil	8	aparência	9	solidão	10	aposentadoria	9		
privilégio	8	tristeza	6			paciência	7	vida	9		
maturidade	8					abandono	7	exercício	6		
						carinho	6	qualidade de vida	6		
Freq. total	79		47		93		69		72		9
%	21		13		25		19		20		2

Quadro 1 - Categorias geradas a partir das palavras que expressam o conteúdo das representações sociais de *envelhecer*

Aqui na escola, por exemplo, nós temos professores que estão perto de se aposentar e a gente considera como muito ricas em experiência, porque tem professor aqui que está aposentando em sala de aula, com muita garra ainda, e elas estão comparando com os novatos que vem agora e não dão conta do recado. Tem muitos novos que vem pra escola e não fica uma semana, saem da sala de aula chorando e a pessoa que está lá, a beira da aposentadoria, tá lá firme e forte [...] (S. 6, 42 anos de idade, 24 anos de magistério, leciona do 1º ao 9º ano).

Com o tempo você vai ganhando experiência tanto na sua vida pessoal, quanto na sua vida profissional. São as experiências que você vai adquirindo ao longo da sua vida. (S. 19, 43 anos de idade, 14 anos de magistério, leciona para o 2º ano).

As palavras que figuram como pertencendo à dimensão *Psicológica* de *Mal-estar - medo, aceitação, desânimo, difícil e tristeza* - expressam as angústias despertadas pelo envelhecer. As dificuldades do dia a dia e a rotina estressante parecem ser geradoras de *desânimo e tristeza*. Essa situação, aliada à dificuldade de aceitar o curso natural da vida, o *envelhecer*, faz com que inúmeros sentimentos venham à tona, dentre estes o *medo*, sobretudo da manifestação de doenças. Vejamos o que as professoras relataram:

[...] todo mundo tem um pouco de medo de envelhecer. Aqui as professoras falam muito de medo. [...] E aí vem o medo da depressão, da síndrome do pânico, enfim, dessas doenças que aparecem [...]. (S.6, 24 anos de idade, 24 anos de magistério, leciona do 1º ao 9º ano).

[...] a gente tem visto sobre a nossa categoria profissional, muitos professores com distúrbios mentais; esse é o medo, medo de você trabalhar tanto que quando chegar o tempo de você usufruir da sua aposentadoria, a gente não ter saúde mental pra isso. Talvez até tenha saúde física, mas o psicológico está muito abalado. (S.18, 44 anos de idade, 25 anos de magistério, leciona para o 1º ano).

A partir dos depoimentos, percebe-se o quanto a representação de *envelhecer* está ancorada na possibilidade de manifestação de uma enfermidade. Diante disso e pouco podendo fazer, parece restar às professoras a *aceitação* do processo.

A categoria nomeada de *Biofísica*, com um quarto das indicações, abriga palavras relacionadas a aspectos físicos, como *aparência, cansaço, incapacidade e*

*doença*. No que diz respeito à *aparência*, as professoras destacam tanto aspectos fenotípicos, tais como o aparecimento de rugas, a despigmentação dos cabelos e a flacidez muscular, quanto fisiológicos, como a menopausa:

[...] vem chegando as rugas, a menopausa. Esta é uma preocupação de todas as mulheres. (S. 8, 41 anos de idade, 17 anos de magistério, leciona para o 4º ano).

[...] com o passar do tempo, querendo ou não, vem chegando as rugas, os cabelos brancos. (S. 24, 34 anos de idade, 11 anos de magistério, leciona para o 1º, 2º e 3º ano).

O *cansaço*, extrapolando a dimensão psicológica, é sentido no corpo, como exprimiu uma das professoras, permitindo-nos ver o quanto os processos sociais estão implicados nisso:

Está tendo além daquela síndrome de Burnout, muito cansaço físico. O físico mesmo não está acompanhando a boa vontade que a gente tem quando sai de casa. Quando chega aqui você encontra uma sala superlotada, aí tudo aquilo que você preparou em casa, de repente aqui você não consegue colocar em prática. Aí sua cabeça dói e a pressão aumenta [...] (S. 9, 40 anos de idade, 20 anos de magistério, leciona do 1º ao 9º ano).

Com o avanço da idade, mudanças de ordem tanto pessoal quanto profissional são notadas, especialmente aquelas relacionadas à destreza e à motricidade. Não bastassem as limitações de ordem física que surgem, as depoentes esclarecem sobre os rebatimentos que advêm da sociedade e operam no sentido de sublinhar as perdas de utilidade e aceitação da pessoa e da trabalhadora:

Porque a pessoa quando já está assim com certa idade ela já não tem aquela utilidade que ela tinha antigamente, por exemplo, subia escada antigamente, aí não sobe mais, lavava vasilhas, fazia exercícios, aí já não faz mais. Muitas coisas já não dão mesmo pra fazer. (S. 49, 43 anos de idade, 25 anos de magistério, leciona para o 1º ano).

É que a gente não vai estar mais servindo pra trabalhar e a aceitação que o idoso tem na sociedade é mínima, de toda forma, você não tem condições pra trabalhar nem exercer outra função e você tem que estar buscando outros

caminhos pra suprir essa incapacidade [...], pelo menos é o que eu já ouvi de relatos. Então é incapacidade que eu vejo na questão do profissional e do pessoal. (S. 25, 37 anos de idade, 18 anos de magistério, leciona para o 1º ano).

A *doença*, o grande temor das professoras e, por certo, de quaisquer outros profissionais, surge gradativamente, conforme se nota nesta fala:

A maior dificuldade das colegas que estão chegando ao final de carreira é que vai aparecendo às doenças. Muitas aqui estão até em desvio de função, com problemas de depressão, outras com problemas físicos mesmo. Tem uma que está que não pode nem levantar o braço. Eu acho que isso é a maior dificuldade do envelhecimento, porque nós não envelhecemos com saúde. (S. 22, 41 anos de idade, 18 anos de magistério, leciona para o 2º ano).

Ao longo da exposição e a partir do depoimento anterior, é possível perceber a associação feita pelas professoras entre a chegada e a instalação de doenças e as atividades laborais estressantes vivenciadas no dia a dia.

Quanto à categoria *Relacional* ou *Social*, esta engloba atributos ligados aos relacionamentos e temores ligados às trocas sociais. O que as professoras parecem temer é serem abandonadas na velhice pela *família* e pelos amigos, restando-lhes uma vivência de *solidão* e *desrespeito*, que apontam, fortemente, para os aspectos sociais que circunscrevem o envelhecer e a exclusão conexas, conforme os relatos seguintes:

[...] eu vejo nas pessoas idosas uma tristeza muito grande que não tem saída porque as pessoas não são aceitas. Depois de certa idade elas são deixadas de lado, ou porque fisicamente para nossa sociedade já não são mais bonitas, já não são mais produtivas, já não falam mais a linguagem mais atual. As pessoas vivem mais de lembranças daquilo que já foi enquanto jovem, as pessoas idosas, mesmo que se esforcem elas tem dificuldade de se incluir. (S. 96, 36 anos de idade, 21 anos de magistério, leciona para o 1º ano).

Eu percebo que muitas pessoas, quando envelhecem, elas ficam em segundo plano, elas ficam só. Muitas experiências que a gente vê por aí, até mesmo pela televisão, de coisas em relação a avós, que acompanham nossos amigos, reclamam que não tem o amparo da família, e muitos podem estar assim rodeados de pessoas, mas se sentem sozinhos. (S. 88, 43 anos de idade, 22 anos de magistério, leciona do 1º ao 5º ano).

As palavras *amor*, *paciência* e *carinho*, expressas no Quadro 1, parecem sair de sua categoria psicológica e conectar-se às questões da dimensão *Social* não como temores, mas como necessidades afetivas:

A pessoa idosa se sente sensível, sente algumas dificuldades. É preciso ser compreensivo e receber carinho da família [...] (S. 87, 44 anos de idade, 22 anos de magistério, leciona para o 1º ano).

O amor independe. Se a gente tem amor, amor é o que mais precisamos, carinho afeto, e pra pessoa que esta envelhecendo, isso é muito importante, que ela sinta que é amada, que é querida pela família. (S. 37, 49 anos de idade, 11 anos de magistério, leciona para o 6º, 7º e 9º ano).

No sentido assim de que as pessoas têm que ter mais amor para o idoso, tem que ter carinho, até o filho em casa trata de qualquer jeito, não tem aquele amor, não tem aquela paciência. (S. 80, 34 anos de idade, 13 anos de magistério, leciona do 4º ao 9º ano).

A categoria denominada *Projetos* agrupou palavras relacionadas à dimensão futura, que poderia se agasalhar também sob outras designações, como expectativas, esperanças, perspectivas ou planos. Através da análise desse agrupamento, verificamos que as professoras projetam para o futuro suas esperanças e projetos. Acreditam que, quando se aposentarem, poderão desfrutar de melhor *qualidade de vida*, dispor de tempo para a *família*, o *lazer* e a prática de *exercícios*, o que lhes permitiria envelhecer de forma mais digna e saudável. Uma delas nos explicitou seu acalentado projeto, no qual repousam seus temores, mas principalmente suas esperanças:

Quando a gente pensa: eu vou envelhecer, a gente fala: eu vou conseguir aposentar. Quando pensa em envelhecer, a gente pensa numa boa aposentadoria, compatível pra gente ter uma vida boa, saudável, pra ter qualidade de vida, pra gente ter uma vida legal, porque quando a gente aposenta, o dinheiro fica tão pouco, você gasta com tanto remédio, tanta coisa, eu não sei... Eu penso em aposentar também pra viajar, eu quero ler todos os livros que eu não li, eu quero assistir todos os filmes que eu não consegui assistir, eu penso em aposentar nesse sentido. (S. 90, 45 anos de idade, 13 anos de magistério, leciona para o 2º ano).

As perspectivas projetadas para a dimensão futura parecem se conectar à última categoria proposta, a da dimensão *Econômica*, que abriga a expressão *bem-financeiramente*, conforme mostram os depoimentos seguintes:

Você tem que ter uma aposentadoria que seja de acordo para você usufruir de coisas boas da vida, não envelhecer rica, mas aproveitar as coisas boas da vida. (S. 29, 40 anos de idade, 18 anos de magistério, leciona do 6º ao 9º ano).

Porque a maioria das pessoas idosas ganha muito mal. Acho que isso pega na saúde também. (S. 43, 41 anos de idade, 23 anos de magistério, leciona para o 1º ano).

O idoso requer mais dinheiro, não só pra manutenção da sua saúde, mas para os seus remédios, para ir ao médico, mas também para fazer um lazer. O idoso precisa de um lazer. (S. 50, 42 anos de idade, 23 anos de magistério, leciona do 7º ao 9º ano).

Hoje estávamos discutindo um texto no sétimo ano, falando que é um direito de todos usufruírem de seus direitos por tempo de contribuição, mas acaba sendo um problema econômico. O número de trabalhadores empregados contribuindo com a previdência que garantiria todas as prerrogativas de direito que esse cidadão teria, começa a ser uma dificuldade. (S. 53, 36 anos de idade, 14 anos de magistério, leciona do 6º ao 9º ano).

Os recursos financeiros provenientes da *aposentadoria*, direito de todos os professores, ao mesmo tempo em que deveria garantir parte dos projetos futuros, desperta preocupação, visto que as docentes ouvidas anteveem o seu futuro com base na realidade social vivenciada pelos colegas que já se aposentaram e cujas dificuldades são sobejamente conhecidas.

## Considerações finais

As representações sociais de *envelhecer*, segundo as professoras da rede municipal de ensino de Cuiabá, organizam-se e têm seu significado construído a partir de perdas e ganhos intrínsecos ao processo de envelhecimento, no qual se adquire *experiência* ao passo que se perde a *saúde*.

As dimensões pessoais e profissionais comparecerem, dando suporte e sustentando as representações compartilhadas. A escolha do lócus de investigação - a própria escola -, sendo os sujeitos protagonistas da ação educativa, parece ter tido efeito implicativo, haja vista a ênfase atribuída às vivências profissionais. Dito isso, é possível considerar que a representação de *envelhecer*, para as docentes, ancora-se, sobretudo, na vida profissional, nos anos de experiência como educadoras.

Ao lado disso, o *envelhecer* é materializado, objetivado pela concretude de doenças típicas da atividade laboral estressante, dentre as quais, na opinião das educadoras, são as mais frequentes: depressão, síndrome do pânico, problemas nas pregas vocais, distúrbios mentais e a chamada síndrome de Burnout, caracterizada pela desistência do trabalhador em exercer suas atribuições, sentindo-se o acometido pela enfermidade derrotado por não atingir seus objetivos e perdendo o sentido da sua relação com o trabalho.

A instalação da doença de qualquer ordem implica, além da perda da saúde, prejuízos dos sentimentos de paz e alegria. O medo, segundo apontam, é uma vivência constante, reforçada pelo convívio e diálogo entre os pares e, sobretudo, pela constatação do elevado número de colegas afastados por licença médica ou enquadrados no chamado desvio de função.

Influências socioculturais também foram notadas nas representações sociais compartilhadas pelas professoras, que, ao falarem de envelhecimento, ancoravam suas construções nas categorias etárias chamadas de terceira idade e velhice, conforme exemplificam estas falas:

Experiência pelo fato do que a terceira idade traz. Uma pessoa que já viveu muito tempo traz experiência de vida, de profissão, enfim de tudo que ela fez durante a vida dela. (S. 12, 33 anos de idade, 13 anos de magistério, leciona para o 2º ano).

Quando a gente está falando em envelhecimento a gente está falando em parar de trabalhar, em não saber o que vai acontecer na terceira idade [...] (S. 20, 45 anos de idade, 23 anos de magistério, leciona para o 5º ano).

Quando estamos sentadas na sala dos professores, sempre surgem àquelas piadinhas com pessoas idosas, e não falam idosas, falam velhos. Quando você passa dos 40, você olha no espelho e vê que a velhice esta chegando, junto com a velhice vem a experiência, vem o nosso dia a dia que não é fácil [...] (S. 28, 61 anos de idade, 25 anos de magistério, leciona do 2º ao 6º ano).

Para Silva (2008), as identidades – terceira idade e velhice – promovem discursos que participam do imaginário social. A autora discute que a formação dessas categorias etárias resulta em transformações na vida coletiva e social, cuja confluência culmina no aparecimento de experiências, identidades pessoais, hábitos e representações antes inexistentes, visto que a terceira idade, especialmente, é uma demarcação mais contemporânea.

Essa definição parece surgir como tentativa de adiar, cada vez mais, a velhice, que, na contemporaneidade, consoante argumenta Mucida (2006, p. 112), surge como “[...] um furo ao ideal de perfeição trazido pela juventude.”

Apesar de as representações se entremeterem entre os polos das perdas e ganhos, os prejuízos se destacam e assumem proporções mais amplas e profundas, rondando as esperanças, fustigando os projetos, enevoando as perspectivas de futuro.

## Referências

ABRIC, J-C. L'organisation interne des représentations sociales: système central et système périphérique. In: GUIMELLI, C. (Org.). **Textes de base en sciences sociales: structures et transformations des représentations sociales**. Paris: Neuchatel, Delachaux et Niestlé, 1994. p. 73-84.

\_\_\_\_\_. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Tradução Lillian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 155-171.

\_\_\_\_\_. Abordagem estrutural das representações sociais: desenvolvimentos recentes. In: CAMPOS, P. H. F.; LOREIRO, M. C. S. (Org.). **Representações sociais e práticas educativas**. Goiânia: Ed. da UCG, 2003. p. 37-57.

\_\_\_\_\_. La recherche du noyau central et de la zone muette des représentations sociales. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Méthodes d'étude des représentations sociales**. Paris: Éditions érès, 2005. p. 59-80.

\_\_\_\_\_. Methodologie de recueil des représentations sociales. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Pratiques sociales et representations**. Paris: Presses Universitaires de France, 2006. p. 59-82.

BEAUVOIR, S. de. **A Velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FLAMENT, C. L'analyse de similitude: une technique pour les recherches sur les représentations sociales. In: DOISE, W.; PALMONARI, A. (Ed.). **L'étude des représentations sociales**. Paris: Delachaux et Niestlé, 1986. p. 139-156.

- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **As representações sociais**. Tradução Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 17-44.
- MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-formação. In: NÓVOA, A. **Vida de Professores**. Portugal: Porto Editora, 2000. p. 111-141.
- MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**. Belo horizonte: Autêntica, 2006.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias de sua vida. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Vida de professores**. Portugal: Porto, 2000. p. 11-30.
- PECORA, A. R. **Memórias e representações sociais de Cuiabá e da sua juventude, por três gerações, na segunda metade do século XX**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2007. 218 p.
- SÁ, C. P. **Núcleo central das representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- SANTOS, S. S. C. **Gerontologia e pressupostos de Edgar Morin**. Rio de Janeiro: UNITI/UERJ, 2003. v. 6. Textos sobre envelhecimento. p. 01-118.
- STANO, R. C. M. T. **Identidade do Professor no Envelhecimento**. São Paulo: Cortez, 2001.
- SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **Hist. Cienc. saúde-Manguinhos**, [online], v. 15, n. 1, p. 155-168, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 06 set. 2009.
- SIQUEIRA, R. L.; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais. **Ciênc. saúde coletiva**, [online], v. 7, n. 4, p. 899-906, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v7n4/14613.pdf>>. Acesso em: 08 set. 2009.

Recebimento em: 01/02/2010.

Aceite em: 02/03/2010.